

RUBEM BRAGA

Pescadores

Perdi a carta que me mandou um leitor sobre a atrapalhão em que andam os pescadores de Tramandahy. Outro amigo, entretanto, me falou desses pescadores. Nunca fui a Tramandahy e não posso precisar quaes as exigencias que estão sendo feitas aos pescadores de lá. Sei apenas que ellas se referem ás suas casas. Os pescadores devem reformar suas choupanas de accordo com certos requisitos, que uma autoridade julgou indispensaveis.

Acha o missivista que os pobres pescadores estão em dificuldade para cumprir a exigencia. Acredito. Não conheço Tramandahy, mas conheço pescadores. E tal como o leitor que me escreve, já passei longos mezes vivendo numa cabana de pescador.

Não sei como vivem esses homens aqui no Rio Grande. No Espirito Santo elles vivem simplesmente na miseria. Um ou outro tem uma rala rocinha de mandioca — ás vezes abobora, melancia, melão, abacaxi. Esse trabalho da terra em geral fica para as mulheres. São ellas tambem que vão tirar agua das cacimbas, que se afundam nos brejos para tirar a materia prima com que fazem esteiras. Mulheres e meninos. Homens e outros meninos se entregam á pesca. E vendendo esteiras, farinha, fructas e peixes essa gente não chega a viver; apenas vegeta. Ha 10 annos atraz, em uma praia do Norte, encontrei vintens em plena circulação!

Na minha terra os pescadores são chamados maratimbas, assim como os homens do interior, da roça, são chamados mocorongos. Antes de viver entre maratimbas a gente pensa que não pôde haver no mundo vida mais dura, mais pobre, mais primi-

tiva que a dos mocorongos. Pois a do pescador é peor. Quando ha pouco peixe, o dinheiro é naturalmente pouco; quando ha muito, o peixe fica barato. E o inverno, em que o consumo quasi se reduz a nada? E os interminaveis dias de vento máu em que ninguem sahe ao mar, em que não ha peixe nenhum? Uma das cousas que me deu maior ideia de injustiça social da minha infancia foi saber que os pescadores pagavam imposto. Não podia comprehendere que o homem que tinha uma canôa e vivia dentro della pescando tivesse de comprar todo anno do governo uma chapa para pregar na popa. Era para mim tão absurdo como si eu tivesse de pagar ao governo uma licença para poder andar com meus pés, ou cheirar com meu nariz.

Acredito que as choupanas dos pescadores sejam anti-hygienicas. Acredito ainda que o governo faça bem em levar os pescadores a viver em casas mais confortaveis. O caminho certo não me parece, entretanto, exigir. Repugna-me essa ideia de que se exija de gente tão pobre qualquer coisa que de um modo ou de outro importe em despesa ou trabalho. Haverá um meio mais suave de resolver a questão. Não chego a comprehendere porque se faz tão severas exigencias para com os pobres pescadores quando aqui mesmo, nesta bella e orgulhosa cidade de Porto Alegre, ha gente que vive mettida dentro de barcos, como ali na zona de Navagantes. Males da miseria não se resolvem com exigencias, a menos que se queira dar, em forma de ordem, aquelle conselho que a Loteria Federal costuma dar em forma de suggestão: "Fique Rico"...